

INTERTEXTUALIDADE
INTERTEXTUALIDADE

Um espelho do Brasil e de Portugal: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira

*Ricardo Souza de Carvalho **

Resumo

O diálogo entre Mário de Andrade e José Osório de Oliveira, entre os anos 30 e 40, configura parte significativa da história das relações literárias Brasil-Portugal, ao revelar afinidades e divergências a partir de uma rede formada pela correspondência mantida entre os dois autores, pela leitura e pelas anotações que cada um fez das obras do outro e pelos artigos que publicaram sobre tais questões.

Palavras-chave: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira; Relações literárias entre Brasil e Portugal; Afinidades e divergências.

* Doutor em Literatura Brasileira pela USP.

Desde seus primeiros tempos modernistas, quando apresentava uma “língua brasileira” em contraposição à língua portuguesa, até os últimos projetos – como **O seqüestro da dona ausente**, a respeito do folclore luso-brasileiro (cf. CARVALHO, 2001) –, Mário de Andrade teve em Portugal uma referência constante.

A importância da literatura e da cultura portuguesas para a formação e para a obra do autor de **Macunaíma** pode ser comprovada em sua riquíssima biblioteca, hoje parte do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), na qual, além de vários livros de literatura, história, folclore e música repletos de anotações às margens das páginas, se encontram periódicos portugueses representativos das primeiras décadas do século XX: **A Águia**, **Portucale**, **Presença** e **Descobrimento**.

Alguns desses livros e periódicos eram-lhe enviados por amigos portugueses por meio de vasta correspondência, que também chegava à Península Ibérica. Destaca-se entre esses amigos José Osório de Oliveira, com o qual se correspondeu por quase duas décadas, de 1923 a 1942.

O diálogo estabelecido entre Mário de Andrade (1893-1945) e José Osório de Oliveira (1900-1964), através de correspondência e da leitura e do comentário das respectivas obras, constitui um capítulo importante das relações intelectuais entre o Brasil e Portugal. Enquanto Mário se dedicava ao estudo da cultura popular portuguesa para explicar a psicologia do brasileiro, José Osório era um verdadeiro representante da literatura brasileira em terras lusas, sobre ela realizando conferências e escrevendo artigos para a imprensa e livros.

José Osório conheceu Mário na sua viagem de 1923 ao Brasil. A primeira carta enviada à rua Lopes Chaves datava de 27 de agosto de 1923. A correspondência prosseguiu, com vários intervalos, até 22 de janeiro de 1942. As cartas de Mário a José Osório, 22 no total, estão publicadas na seção “Documentos inéditos” de **O modernismo brasileiro e o modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações**, de Arnaldo Saraiva (2004). Quanto às cartas do português ao brasileiro, 40 no total, permanecem inéditas e fazem parte da correspondência passiva de Mário de Andrade, arquivada no IEB-USP. Acrescentam-se ainda as cartas-dedicatórias que acompanham os livros remetidos ao outro lado do Atlântico. A realização de

uma edição anotada, que reuniria a correspondência entre Mário de Andrade e José Osório de Oliveira, é um projeto importante não apenas para o estudo da história das relações intelectuais entre Brasil e Portugal como também dos dois escritores.

Na carta-dedicatória no exemplar de *Música, doce música*, datada de 12 de março de 1934, Mário comenta sua dificuldade de encontrar livros portugueses nas livrarias brasileiras: “[...] não me descuido um instante de aumentar minha bibliografia portuguesa, mas é mais fácil obter manuscritos copiados na Holanda ou no Japão, que algum livro menos comum, impresso em Portugal. As livrarias se recusam a procurar” (ANDRADE, 1934 *apud* SARAIVA, 2004, p. 385).

José Osório enviava livros e periódicos de que Mário necessitava para seus trabalhos e era o exemplo para que outros autores lhe remetessem suas obras, deixando-o em dia com a última produção literária de Portugal, como declara em carta de 3 de abril de 1935:

[...] Também deve ser influência de você: alguns poetas portugueses têm me mandado livros ultimamente. Estou assim mais em contacto com o lirismo de Portugal, e reaprendendo a amar esse lirismo. É verdade que o movimento da minha abasileiração, me levando pra estudos exclusivistas de etnografia, folclore etc., se me pusera mais intimamente em contato com a alma lírica do povo popular português, me afastara posso dizer que completamente da alma lírica do povo culto português. Eu ficara em Teixeira de Pascoaes, Augusto Gil, e outros poucos, João de Barros. Estes livros chegados, que se eu visse nos livreiros confesso nem por sombra me lembraria sequer de manusear (porque as minhas preocupações do momento são exclusivamente outras...), me fazem um bem extraordinário. (ANDRADE, 1935 *apud* SARAIVA, 2004, p. 409)

O contato de Mário com a “alma lírica do povo popular português” deveu-se principalmente ao projeto *O seqüestro da dona ausente*, no qual estudava a expressão da ausência da mulher no folclore luso-brasileiro (cf. CARVALHO, 2001). Para tanto, lia e fazia anotações nas margens de livros como *Tradições populares de Portugal*, de Leite de Vasconcelos, ou *Cancioneiro popular português*, de Teófilo Braga, para encontrar fundamentação e exemplos para seu estudo.

Afinal, depois de muitos contratempos e adiamentos, Mário conseguiu escrever uma “síntese angustiosa” para o terceiro número da revista luso-brasileira *Atlântico*, em 1943, intitulada “A dona ausente”. Em dezembro do mesmo ano, na carta-dedicatória a *Aspectos do romance brasileiro*¹ José Osório refere-se à contribuição do amigo brasileiro:

Recebi três (!) exemplares das suas Poesias mas nenhum se perdeu, pois cedi dois a jovens poetas que ansiavam por conhecê-lo. A elas me referi nas “Notícias da Poesia de duas maneiras”, que publiquei no 2º nº da *Atlântico*. No 1º nº transcrevi parte do seu ensaio sobre o Aleijadinho e no 3º publiquei “A Dona

¹ Exemplar da biblioteca de Mário de Andrade, no acervo do IEB-USP.

Ausente”, enviada pelo D.I.P. Só se fosse de todo impossível, não daria, nessa revista luso-brasileira, todo lugar a Mário de Andrade. (OLIVEIRA, 1943, p. 1)

O diálogo entre os dois intelectuais não se restringia à correspondência. As obras eram atentamente lidas e, no caso de Mário, também anotadas; algumas vezes essas leituras resultavam em artigos em periódicos ou livros. Mário, por exemplo, resenhou o livro **História breve da literatura brasileira** (1939), uma das obras de José Osório dedicadas a nossa literatura, no artigo “Literatura nacional”, publicado na coluna “Vida Literária” do **Diário de Notícias** de 31 de dezembro daquele ano e depois incluído no volume **O empalhador de passarinho** (ANDRADE, 2002). A primeira versão da resenha foi escrita a lápis nas próprias páginas de rosto do exemplar do livro de José Osório pertencente ao brasileiro².

Ainda no mesmo exemplar, Mário destaca com um traço a lápis o seguinte trecho sobre os poetas românticos:

A dúvida foi, na realidade, um dos temas da poesia romântica individualista, byroniana, mas o que caracteriza a obra de Álvares de Azevedo é outro tema: o do “Amor e medo”, penetrantemente estudado por Mário de Andrade. Mas seja a dúvida, ou seja o medo de amor o que principalmente inspira Álvares de Azevedo, a verdade é que a sua poesia é, quase sempre, lirismo pessoal, drama íntimo do indivíduo, à maneira de Byron ou de Musset, sem características provenientes da natureza e da vida social do país ou da psicologia do homem brasileiro. (OLIVEIRA, 1939, p. 46-47)

Mário, que em vários momentos de sua obra de crítico reforçou a importância do Romantismo como um momento decisivo da constituição da nacionalidade, discorda dessa passagem da **História breve da literatura brasileira** e, ao pé daquela mesma página de seu exemplar, escreve a lápis:

(1) Me parece que há um vago engano ou contradição no A. O que ele percebeu de brasileiro na modinha é também o que caracteriza nacionalmente estes poetas: o desapego à tradição lusa de dizer gramatical, uma sensibilidade dengosa específica, um estilo de vida psíquica nada exterior. (OLIVEIRA, 1939, p. 47)

O “desapego à tradição lusa de dizer gramatical”, iniciado pelos românticos, esteve no cerne das discussões de Mário de Andrade e do movimento modernista no Brasil. Além disso, era motivo constante das querelas entre brasileiros e portugueses no terreno das letras. Durante o Modernismo das décadas de 20 e 30, Mário apregoava uma “língua brasileira”, denominação que reconhece as feições próprias da língua falada no Brasil. Em carta a Manuel Bandeira de 1 de julho de 1929 proclamara: “[...] Quando me senti escrevendo brasileiro primeiro que tudo pensei e estabeleci: Não reagir contra Portugal. Esquecer Portugal, isso sim. É o que fiz” (ANDRADE, 1929 *apud* MORAES, 2000, p. 425). Muito mais tarde, passado o calor das lutas, no artigo “Portugal”,

² Exemplar da biblioteca de Mário de Andrade, no acervo do IEB-USP.

publicado na coluna “Vida Literária” do **Diário de Notícias** de 18 de agosto de 1940, afirma que “escrevemos o português deste Atlântico mais pacífico, esta nossa língua incontestavelmente ‘nacional’, que o professor Edgar Sanches insiste em apelar de ‘língua brasileira” (ANDRADE, 1993, p. 242). O termo que fizera parte da luta pela afirmação da literatura brasileira estava relacionado, ainda segundo Mário, aos “idealistas e contraditores nacionais da esperançosa ‘língua brasileira” (ANDRADE, 1993, p. 243). Não era necessário mais esquecer Portugal mas sim, combater os brasileiros que ainda insistiam em se “coimbrizar”.

No entanto, esse artigo, antes de mais nada, era uma resposta a “Adeus à literatura brasileira”, de José Osório de Oliveira, publicado primeiramente em julho de 1940 e reeditado em **Aspectos do romance brasileiro** (OLIVEIRA, 1943). O escritor português respondia a uma enquete sobre os 10 melhores romances da literatura brasileira, promovida pela **Revista Acadêmica**, dirigida por Murilo Miranda e Moacir Werneck de Castro (OLIVEIRA, 1940), expondo sobre as dificuldades que ainda encontrava no intercâmbio intelectual entre o Brasil e Portugal:

Mas eu estou cansado de escrever sobre a literatura brasileira. Não porque ela tenha deixado de me interessar mas porque já não tenho a mesma paciência. Com efeito, os brasileiros não ajudam quem deles se querem ocupar, esquecendo-se de enviar os seus livros, que, por outro lado, são caros e nem sempre aparecem à venda em Portugal. Como posso, eu próprio, elaborar uma lista dos melhores romances brasileiros, se vejo que no inquérito da **Revista Acadêmica** tem sido votados romances que ainda não pude ler!? E depois, corresponderão os brasileiros ao interesse que tenho por eles, interessando-se igualmente não digo por mim mas pela literatura portuguesa? Não há dúvida que Eça de Queirós continua a merecer-lhes todo o interesse. Depois do livro de Vianna Moog, **Eça de Queirós e o século XIX**, outra obra notável apareceu sobre o mesmo escritor: a **História literária de Eça de Queirós**, de Álvaro Lins. Antero de Quental também inspirou recentemente dois livros de estudo – o que não poderia suceder em Portugal, por falta de editores para obras desse gênero. Mas se a **Revista do Brasil**, sob a direção inteligente e culta de Octaviano Tarquino de Sousa, em quase todos os seus números publica colaboração de um ou dois escritores portugueses; se na mesma revista Lucia Miguel Pereira se ocupa, como pode, das letras portuguesas; que outro lugar ocupamos hoje na vida literária do Brasil? É certo que pouco mais fazemos aqui pelas letras brasileiras, mas nós, europeus por fatalidade geográfica, estamos sofrendo, também, a tragédia europeia, numa das formas menos notadas mas de mais terríveis conseqüências para o espírito: a dificuldade de publicar artigos desta natureza, sobre temas exclusivamente literários. (OLIVEIRA, 1943, p. 25)

Mário, por sua vez, lembrou, no texto “Portugal”, do compromisso do colega português em constituir a entidade “literatura brasileira” fora de nossas fronteiras:

José Osório de Oliveira tem compromissos para com a sua própria personalidade intelectual, muito maiores que os dos escritores brasileiros para com ele. Os escritores brasileiros são uns desleixados da própria celebridade. Mordidos pelo nosso agradabilíssimo complexo de inferioridade, talvez sejamos nós os únicos americanos que não acreditamos em intercâmbio intelectual.

[...]

Mas este é o maior compromisso de José Osório de Oliveira para consigo mesmo. A bem dizer, não havia literatura brasileira em Portugal. Havia quando muito algum literato brasileiro, com Coelho Neto por chefe de fila. Eis que surge José Osório de Oliveira e lança em Portugal um mito, a literatura brasileira. E em seguida, com suas amizades, com sua crítica, com seus ensaios, ele consegue transformar o mito em realidade. Tudo isto faz tamanha parte, e tão íntima, da personalidade do autor do **Espelho do Brasil**, que não haverá escritor de língua portuguesa que possa evocar José Osório de Oliveira sem o seu papagaio verde de bico dourado. E agora, por falta de cibo mandado dos nossos milhais, José Osório de Oliveira vai matar o papagaio!... Sei, honestamente sei que isso para nós é um castigo, mas para José Osório de Oliveira é uma deserção. É uma das exigências do espírito, do espírito culto, colocar o destino acima das dificuldades e ingratidões. José Osório de Oliveira não quererá que algum dia se diga dele que palmilhou com tanta pertinácia e por tanto tempo um caminho de que não tinha a convicção. Por mim não posso crer que abandone os seus títulos brasileiros que não só conseguiu “realizar” em Portugal a inteligência brasileira, mas ainda é o melhor estímulo de outras terras para que nos acreditemos reais. (ANDRADE, 1993, p. 244-245)

Esses encontros revelam que Mário de Andrade e José Osório de Oliveira esforçaram-se para transferir as preocupações das relações intelectuais entre Brasil e Portugal das rugas gramaticais para a crítica e para o estudo das culturas dos dois povos. José Osório revelou nossa literatura a Portugal, vencendo as barreiras de uma suposta superioridade metropolitana, preparando o terreno da fecunda presença do romance da década de 30 para o neo-realismo português. Quanto a Mário, buscou as raízes da psicologia brasileira, que remontava à portuguesa. O sentimento amoroso que procura sublimar a ausência da mulher, expressado em várias quadras populares, estudado em **O seqüestro da dona ausente**, surgiu com o navegador português e teria sido herdado pelo brasileiro (cf. CARVALHO, 2001). A criação popular encontrou ecos na erudita, em especial nos poetas românticos que, se por um lado teriam abandonado a “tradição lusa de dizer gramatical”, manteriam por outro um traço psicológico que os ligava a um complexo comum ao Brasil e a Portugal: expressaram o “seqüestro” da mulher, não mais ausente e sim “temida”, como foi abordado por Mário no ensaio “Amor e medo” (ANDRADE, [196?]).

Résumé

Le dialogue entre Mário de Andrade et José Osório de Oliveira, pendant les années 30 et 40, configure une partie importante de l'histoire des relations littéraires entre le Brésil et Portugal, en révélant des affinités et des divergences à partir d'un réseau formé par la correspondance, les livres annotés et les articles publiés.

Mots-clés: Mario de Andrade et José Onório de Oliveira; Relations littéraires entre Brésil et Portugal; Affinités et divergences.

Referências

- ANDRADE, Mário de. Amor e medo. In: ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Livraria Martins Editora, [196?]. p. 199-229.
- ANDRADE, Mário de. Literatura nacional. In: ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. p. 169-172.
- ANDRADE, Mário de. Portugal. In: ANDRADE, Mário de. **Vida literária**. Edição de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993. p. 242-246.
- CARVALHO, Ricardo Souza de. **Edição genética de O seqüestro da dona ausente, de Mário de Andrade**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MORAES, Marcos Antônio de (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp, 2000.
- OLIVEIRA, José Osório. **Aspectos do romance brasileiro**: conferência para um público português. Lisboa: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- OLIVEIRA, José Osório. Depoimento. **Revista Acadêmica**, Rio de Janeiro, n. 51, p. 12-17, set. 1940.
- OLIVEIRA, José Osório. **História breve da literatura brasileira**. Lisboa: Editorial Inquérito, 1939.
- SARAIVA, Arnaldo. **O modernismo brasileiro e o modernismo português**: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

